

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87

BLUMENAU

EM

CADERNOS

+++++ALERMO+++++
os Jensen, 128 - Apt. 302
Itoup. Sêca - BLUMENAU
+++++

TOMO XXX

FEVEREIRO DE 1989

Nº 2

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXX

Fevereiro de 1989

N.º 2

S U M Á R I O

Página

Aspectos da reserva indígena de Ibirama e uma excursão cheia de surpresas	34
Subsídio à história da "Escola Nova" de Blumenau	44
KRAICHGAU - Berço dos Badenses de Brusque	46
Autores Catarinenses	50
Comunidade Católica de Pomerode — Notas II	53
1.º Simpósio Cultural Brasil-Polónia	56
Subsídios Históricos	59
"Uma Colônia Regredindo"	61
Aconteceu — Janeiro de 1989	62
Prefeito Kleinubing visita a Fundação	64

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) Cz\$ 850,00 + 150,00 (porte) = 1.000,00

Número avulso Cz\$ 100,00 — Atrasado Cz\$ 200,00

Assinatura para o exterior Cz\$ 1.500,00 + 500,00 (porte) = 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Aspectos da reserva indígena de Ibirama e uma excursão cheia de surpresas

EMMA DEEKE

“Atendendo a um convite do tão considerado “domador de índios” Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, chegou aqui o nosso Governador Dr. Adolfo Konder com um acompanhamento expressivo, em Hammônia. A comitiva pretendia, no dia seguinte, visitar a reserva indígena “Duque de Caxias”, na região superior de Hansa.

Como diretor da Companhia Hanseática, meu marido José Deeke também recebeu um convite para esta excursão, junto com a família, o que, na nossa família desencadeou uma grande alegria, pois há muito tempo era desejo das nossas crianças visitar a reserva indígena, cuja instalação e desenvolvimento presenciaram desde o princípio, mas que até o presente momento só conheciam por narrativas dos que a conheciam.

Além de tudo, tinham sido convidadas altas personalidades,

bem como o pastor Dr. Aldinger que, pessoalmente, já havia dado o primeiro passo em direção à pacificação, desde que chegara a Hammônia.

Como uma espada de Democles, pairava, por muitos anos, a ameaça indígena sobre os colonos. Muito esperançoso colonizador foi atingido pelas setas traiçoeiras dos Bugres Botocudos e perdeu a vida. Finalmente, surgiu a salvação na figura heróica do domador de índios, “Eduardo Bugreiro”, como era conhecido por todos, para por fim a esta matança.

Fazendo frente à necessidade de pôr fim a este perigo indígena, o Governo Federal enviou uma comissão para estudar o problema na Hammônia. A esta comissão pertencia também o jovem Eduardo.

O que levou este jovem inteligente pertencente à mais alta sociedade a optar por este trabalho, eu desconheço. Talvez o sangue de seu bisavô é que o impulsionasse. Por parte de sua mãe, Eduardo de Lima e Silva é bisneto de Duque de Caxias, uma das maiores figuras heróicas de nossa história. Por esta razão, a reserva também recebeu seu nome. O pai de Eduardo é austríaco, mas há muito tempo naturalizado no país. É professor de esgrima profissional na Escola da Marinha, no Rio de Janeiro.

Muitos meses se passaram, mesmo anos e a comissão à qual também pertenciam outras personalidades, não registraram nenhum progresso. Inconformado um funcionário após outro deixava seu posto tão ingrato. Por fim, sobrou apenas um pequeno

grupo de homens para instalar bem acima do Rio Hercílio, na foz do Rio Plates, a reserva que se constituía de cerca de trinta homens desbravadores, alguns domesticados e tinham índios Coroados, do Paraná, como intérpretes.

Entre estes últimos, que ficaram, encontrava-se também o jovem, de vinte anos incompletos, Eduardo. Este nunca perdeu a esperança de entrar em contato com os selvícolas. E especialmente à sua audácia se deve o fato de que hoje, quase não existe mais perigo para os colonos, que mais receavam esta hostilidade dos índios.

Como naquela ocasião aconteceu a primeira aproximação e contato com os índios, muito foi escrito e não perderei aqui mais palavras sobre este assunto.

Hoje quero apenas descrever uma excursão feita à reserva Posto Duque de Caxias, que ficou viva em minha memória até o presente momento. Nesta região, onde hoje já há um quarto de século, os Botocudos, com apoio do Governo Federal e da Companhia Hanseática de Colonização encontraram sua moradia permanente, houve muita transformação. Apesar de tempo em tempo haver, entre os índios pacificados inclinação forte de evasão, mesmo que proibidos de fazerem, pelo temido chefe, embrenham-se no mato. Por semanas, permanecem naquela imigração, mas, quando a floresta não mais sacia sua fome, regressam ao posto. No entanto, estas imigrações não trazem mais perigo algum aos colonos.

Finalmente, se realizaria o nosso grande desejo, que era o de

visitar a Reserva Indígena. Este feito, apesar de penoso, já pela longa distância e o péssimo estado das vias de acesso, só poderia ser feito com permissão especial de Eduardo.

É compreensível que não era indiferente ao sr. Eduardo ver invadida sua Reserva por qualquer estranho a qualquer momento, o que poria em risco a tranquilidade da mesma. Os indígenas tinham que sentir uma mão de ferro e sob influência estranha, se desviariam com certeza. Hoje, esta dominação já não existe, já não é mais necessária.

O tempo nos favoreceu. Esperançosos, um grupo de trinta pessoas partiu do Hotel Berg, em Hammônia, às seis horas da manhã. Seguimos na companhia de Eduardo, numa caravana considerável de carros.

E lá fomos nós.

Em Nova Bremen, paramos no Hotel Wanselow, onde, em homenagem ao ilustre visitante, foi servido um lauto café.

Em seguida, com novas energias, cantando e barulhentos, seguimos viagem. Em si, as estradas estavam boas, apesar de que algumas as chuvas caídas nos dias anteriores havia tornado quase intransitáveis. Mas as mesmas também não tornavam-se tão difíceis, quando se estava sentado confortavelmente num automóvel.

Passamos por inúmeras colonizações, onde poucos anos atrás não existia nada e os índios, com arco e flexa, se sentiam como únicos donos da terra e hoje lá existiam florescentes colonizações.

Fobre inocente criança da floresta, que se defendia! Fala-se em roubo, morte, etc., e o que vo-

cê fazia, nada mais do que se defender de seus inimigos, que o roubavam de sua propriedade e em defeza dos amigos de sua tribo.

O canto eterno: "Vida quer dizer vencer, tanto aqui como no mundo inteiro!"

Por horas, o caminho continuava sob um céu azul e sol ardente. Sol que cobria imensa floresta, montanhas e vales. Mas, alegres e esperançosos aos acontecimentos vindouros, brilhavam os olhos das crianças. Repentinamente, foi preciso parar: "aqui fora pregado o mundo com tábuas!" — a construção da estrada estava paralizada!

Com rostos azedos, desembarcamos dos automóveis.

Uns cinquenta metros mais adiante, encontrava-se a primeira estação indígena. Logo alcançamos a pé. Era uma construção rústica, com instalação primitiva, que também servia como depósito de mercadorias para a alimentação ao posto Duque de Caxias. De selvagens, nada se via.

Mas, agora! Acontecia aqui a verdadeira excursão. Através de um longo pasto, tivemos que atravessar uma distância sobre pedregulho até chegar ao Rio Hercílio.

Aqui foi onde começaram a nos pressionar as verdadeiras dificuldades. Um caminho íngreme, um morro alto, tudo tínhamos que vencer sob um sol causticante!

Quase impossível me pareciam os primeiros trinta passos! Imaginem, tinha dez vezes mais de distância à minha frente!

Toda decisão anterior desa-

parecera e isto não só acontecia comigo, mas também com meu pobre marido, que sofria do coração!

Estavam preparados alguns cavalos para nosso transporte, mas, cavalgar num animal estranho era sempre arriscado. Os jovens, com alegria, aceitaram os cavalos que Eduardo lhes enviara. Nós os seguimos a pé. Numa desistência era impossível pensar, pois quem iria querer regressar a esta hora?

Aos poucos, todos procuraram alcançar o destino; ainda tínhamos, pelos nossos cálculos, uma hora a pé até o Posto Duque de Caxias.

— Uma hora? — disseram os trabalhadores de estrada que encontramos no caminho. Se dobrarem este tempo, então talvez chegarão antes.

Novamente reunimos todas as nossas forças para continuar a viagem. Minha maior preocupação era meu marido. Nunca teria permitido a participação dele nesta excursão, se não soubesse que por toda sua vida fora um desbravador e, com tal atividade, acabou com um grave problema cardíaco!

Mas não só eu tive as preocupações a respeito, mas também o Dr. Aldinger e o Superintendente de Hammônia, que não saíam de perto de nós.

Repentinamente, meu esposo disse:

— Bem, senhores, aqui eu fico, na companhia de minha esposa e, mais tarde, regressaremos.

Eu havia entendido, assim como os outros dois senhores. Foi então que, como salvação, apareceu um cavalo bem selado,

Fora Eduardo que, lembrando o estado de saúde precário de meu marido, mandara o cavalo como salvação.

Após algumas informações sobre a índole do cavalo, fornecida pelo indígena que o conduzira até ali, meu marido, valentemente, montou e seguiu o caminho.

Eu já não via mais as belezas da natureza. O calor aumentava sempre mais e mais e quase tornava-se impossível suportá-lo.

— Uma fonte! soou um grito — e todos corremos para lá. Quase morrendo de sede, atirei-me à água fresca do riacho e todos seguiram meu exemplo.

Quando chegamos ao Posto Duque de Caxias, minhas filhas já estavam lá. Quando lhes contei que havia tomado água daquela fonte, exclamaram horrorizadas que haviam visto uma mulher indígena tomando banho naquele riacho quando por ali passavam. Mas isto pouco me atingiu. Somente ninguém me socorreu em figura de um alazão. Seguimos caminho, meus dois paladinos fielmente do meu lado.

Felizmente vimos nosso objetivo. A floresta clareava e logo chegamos a uma clareira. O que nós vimos lá no vale foi a criação de um idealista, Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, um monumento eterno na história da colonização hanseática.

Foi então que nossas pernas cançadas tiveram que vencer mais uma etapa. Logo fomos recebidos com altos brados da outra margem do Rio do Plate, pelos companheiros de excursão. Aqui fui alvo das maiores homenagens. Fui conduzida com grande pompa

pelo regente de um verdadeiro pequeno Estado. Seguimos em seguida por caminhos enfeitados com bandeirinhas coloridas, escaada acima, até a residência particular de Eduardo. Lá nos foi colocado à disposição o dormitório do nosso anfitrião para que pudéssemos descansar um pouco. Não havia, no entanto, muito tempo. Muitas novidades estavam à nossa espera.

Cercada por uma ilha de floresta, eu me sentia como uma fantasia. Via as jovens indígenas espiando pelas frestas das janelas.

Seguimos até um amplo rancho, onde estavam preparando o churrasco e o olor nos guiava naquela direção.

No entanto, não deixei que me perturbasse aquele cheiro agradável da carne assando e segui meu caminho. Além de duas velhas carpideiras que encontramos acocoradas no chão, entoando um lamento constante, pouco mais se via.

Este estranho lamentar eu ouvira à distância. Para minhas filhas, não era estranho, pois anteriormente já haviam estado no rancho.

O trabalho das carpideiras era um costume antigo dos botocudos. Em constantes lamentos, as mulheres índias lamentavam seus antepassados mortos. Estas lamentações tornam-se mais acentuadas sempre que haja um motivo de alegria ou festivo. Assim, também acontecia hoje, ocasião de nossa vinda. O sr. Eduardo, por exemplo, contou o seguinte: — Para tratar da roça, certo dia mandou trazer ao Posto um trator que naturalmente despertou grande curiosidade.

Enquanto os homens olhavam com curiosidade a máquina, as mulheres estavam deitadas em volta, nas maiores lamentações.

Mesmo parecendo ridícula, esta lamentação é, ao mesmo tempo, uma demonstração que os Botocudos têm um sentimento mais profundo como em verdade apresenta, e é de lamentar que até o presente momento, não se tenha tomado um maior interesse e aparecido interessados na pesquisa deste assunto.

O seguinte esclarecimento me foi entregue posteriormente pelo sr. Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, que talvez seja de interesse para muitos.

Disse eie que: — Por ocasião da inauguração da estátua do dr. Fritz Müller, em Blumenau, o diretor do Museu Nacional, professor Roquete Pinto, demonstrou grande interesse por nossos índios. Quando soube que os mesmos ainda não haviam sido estudados devidamente, prometeu voltar em breve e permanecer a estudá-los por alguns meses. No entanto, talvez por excesso de trabalho ou falta de tempo, não foi possível seu comparecimento aqui.

Em meados de 1932, chegou a Blumenau o sr. Jules Henry, enviado diretamente da Universidade da Columbia, de Nova York. Jovem antropologista, que fora incumbido pelo estudioso Boas a fazer estudos linguísticos e antropológicos no Posto Duque de Caxias, no Plate. O mesmo obteve, em curto espaço de tempo, tão bons conhecimentos que, ao retornar aos Estados Unidos, após um estudo intenso de dois anos, dos costumes e idioma botocudos, o sr. Jules aprendeu lo-

go o idioma. Aprendeu-o tão bem que foi incumbido de instalar uma aula do idioma botocudo na Universidade da Columbia.

Elevado a idioma universitário, a verdade é que este fato pode ser encarado com orgulho por nossos indígenas.

O Dr. Jules Henry já publicou sua obra completa, em idioma inglês, sobre os botocudos em Santa Catarina. O último volume sobre os índios catarienses foi publicado sob o título "Jungle People".

Já que não tínhamos muito tempo disponível e a visão dos ranchos imundos com as camas primitivas, mais alguns trapos sujos, não parecia convidativo, logo procuramos deixar este lugar. Não encontramos nada de arte indígena nos locais que visitamos.

Eu esperava encontrar nos ranchos verdadeiro museu de arte indígena. Especialmente em arte de tecer em fibra. Mas o botocudo só trabalha artigos que lhe são indispensáveis no presente momento. No futuro não pensa. Talvez seja consequência por levar esta vida de nômade. Vivem nesta vida de itinerante e artigos supérfluos só eram demais nesta vida. O mesmo problema relacionava-se com a fabricação de armas, como arco e flexas. Apesar de este fabrico de armas pudesse ter sido um artigo rentável, pois amadores sempre existem. Infelizmente, não foi possível um rendimento, porque, para qualquer objeto, fosse cesto, chapéu, etc., levavam sempre tempo demais. Passavam semanas, às vezes meses, para confeccionarem um artigo. Isto era uma demonstração viva de que

os índios ainda não haviam aprendido de que: tempo é dinheiro.

Encarando o assunto deste ponto de vista, realmente é melhor que ganhem seu pão de cada dia com a enxada e que seu diretor Eduardo, há tempo, já reconheceria.

Uma bela coleção de objetos de arte indígena existia na diretoria da Colonizadora Hanseática em Hammônia. Esta coleção, meu marido obteve quando diretor e durante anos colecionou e guardou com muito carinho. Na coleção encontrava-se muitos objetos conquistados pelos caçadores de bugres, principalmente o conhecido "Martin". Estes objetos ele os conseguiu em suas andanças pela floresta antes que o governo assumisse a proteção dos índios.

Quando voltamos junto a nossos companheiros de excursão, o sr. Eduardo nos levou a um passeio pelos jardins e pomares que circundavam a sua residência.

Realmente, um modelo exemplar para um trabalho em prol do amor ao trabalho.

Muitos amigos o sr. Eduardo tivera até então, ao seu lado. Mas, como os seus protegidos, não encontrara nunca iguais, pois eles zelavam sempre pela sua segurança e circundavam sempre as redondezas de sua casa.

No entanto, muita alegria o sr. Eduardo teve sempre, e não relacionada com este fato de estima de seus protegidos.

Todavia, em especial no elemento jovem, encontrava-se alguns revoltados. Mas tudo era

sempre contornado e sempre se chegava ao final da meta.

Aqui terminava todo e qualquer sentido relacionado com o objetivo final, que era o apaziguamento.

Para os bugres, faltava-lhes sentido no que concerne tomar iniciativa própria para começar qualquer trabalho. Mas, aos poucos foram assimilando tudo e as iniciativas começavam. E com isso, quanta preocupação deixou de existir da parte da administração. Foi isto mesmo o que contou o sr. Eduardo, destacando, com muita alegria, a respeito de um último prejuízo que lhe dera um grupo de indígenas, quando, numa roça distante, foram buscar lenha para queimada. Algumas horas mais tarde, encontraram carroça e cavalos destruídos no fundo de uma gruta.

Realmente, é um estado de coisa que pode acontecer em todos os locais. É aí que consiste o ponto morto. Foi quando um alce atravessava o caminho e os homens o perseguiram imediatamente.

Que caso semelhante não passava despercebido é compreensível. Pois que, além de economia na extração, o que era de veras necessário. Também se compreendia a falta de animosidade com relação ao seu trabalho. Além disso, o acampamento não mostrava alto rendimento, por não apresentar o mínimo valor econômico.

Também era compreensível a revolta de Eduardo pelo pouco reconhecimento e valorização de sua obra. Com a fixação dos botocudos num lugar fixo, já merecia reconhecimento, pois aca-

baram os ataques aos colonos. Igualmente, a região indígena, conservada limpa como atualmente, já apresentava um certo valor de estudo.

Entre os componentes da excursão, encontrava-se uma pessoa que indagou se entre os índios já havia sido feito trabalho missionário. A resposta do sr. Eduardo foi negativa e o tema não foi mais abordado. Logo depois, a esposa de Eduardo, a sra. dona Francisca, veio chamar-me para almoçar. Fora colocada uma grande mesa próxima à casa e frondosas palmeiras e outras árvores nos protegiam do sol. Foi servido um delicioso churrasco à moda gaúcha, uma fresca cerveja e vinho. Ao final da refeição, um discurso seguia o outro. Também uma gaita surgiu e logo estávamos rodeados pelos curiosos selvícolas. Indiferentes, eles contemplavam a animada reunião em torno da mesa. Mulheres de estatura mediana, tipo mongol, olhos amendoados e todas sem exceção com os dentes em péssimo estado. Com um largo laço tecido, preso à testa, levavam seus filhos presos às costas. Os homens, com rugas profundas em seu rosto bronzeado, eram de amedrontar. Entre eles, também encontrava-se o famoso cacique que foi tão brilhantemente retratado pelo sr. Becker. No lábio inferior, portavam um pedaço de madeira trabalhada, dura, que era chamado de "Botok" e que era o símbolo dos botocudos. Ao contrário, já bem mais interessante para os moços, eram as jovens índias, mais limpas e arrumadas e de certa beleza típica, com seus cabelos pretos, cortados curtos.

Assim, os índios, ou melhor, as índias, já dão certa importância aos vestidos. Eis aqui um pormenor interessante: Quando os vestidos, no entanto, as incomodavam, tiravam-nos onde quer que estivessem. Por isto, não era de admirar quando à nossa frente surgia repentinamente uma dessas jovens índias em trajes de Eva. Impossível era imaginar este costume entre os civilizados, o que aqui era tão natural entre estes selvagens.

Ali estavam à nossa frente, filhos da natureza, por todos tão temidos. O sr. Eduardo tinha anteriormente cuidado por uma boa e farta alimentação, o que talvez tenha sido a nossa salvação.

Não muito distante, atrás de alguns arbustos, tinha sido preparada a festança deles. Ali, as maneiras eram um pouco diferentes das da nossa mesa. Como animais selvagens, devoravam os pedaços de carne semi-cosidos, que cortavam dos ossos com seus facões afiadíssimos. Mesmo as crianças ainda bem pequenas, já tinham nas mãos um osso sangrento, o qual sugavam ávidamente.

Mesmo assim, como era visível o passo da natureza para a cultura. O que significa esta pequena diferença, se um alimentava-se diariamente usando porcelanas preciosas com talheres de prata, e outros usavam um rude facão e em suas mãos sujas seguravam um pedaço de carne semi-crua.

Rapidamente passaram as horas e estava aproximando-se o momento da partida. Na alegria do convívio com amigos, não percebemos a hora passar e um

temporal que estava se formando à distância.

O sr. Eduardo recomendou que esperássemos a passagem do temporal. Por isto, ninguém mais falava no assunto.

Agora, depois que o almoço terminara, ainda sobrava-nos algum tempo que poderíamos aproveitar bem. Reunimos imediatamente os índios e, junto com eles, tiramos várias fotografias.

Até hoje, como lembrança daquele memorável dia, possuímos uma grande coleção de fotos das mais interessantes.

De manhã cedo, foi feito um passeio a cavalo pelas picadas, e Eduardo cedera o seu particular que era um belo exemplar.

Em seguida, Eduardo, com auxílio de seu capataz, reuniu os índios para a recepção oficial as autoridades. Com esta cerimônia, em homenagem ao Governador, nossa visita chegou ao fim.

Estava na hora de pensar em abrigar-nos. O temporal já se havia aproximado muito e ameaçava desabar a qualquer momento.

Assim, todos nos refugiamos na residência do sr. Eduardo. Naquele abrigo agradável oferecido pelo anfitrião, não demorou muito para que se ouvisse agradável música executada com harmônica. E então, todos partiram para uma alegre dança.

Finalmente, tudo saiu diferente do que se esperava. O temporal, queremos dizer, não caiu e permaneceu apenas ameaçador no céu. E mais uma hora se passou em alegre tempo de dança.

O dia estava, agora, chegando ao fim. Sempre mais preocupados, ficávamos com relação ao nosso retorno. Eu perguntava-me, aflita, como seria o nosso regres-

so. Só ficava com meus pensamento para mim mesmo, pois sabia que Eduardo não admitiria qualquer intromissão em seus assuntos.

Os senhores de mais idade, formavam pequenos grupos, discutindo política. Mesmo meu marido, contrariando seu costume, mostrava-se completamente despreocupado. As discussões políticas os fascinava.

Repentinamente, o quadro sofreu uma mudança. Um forte pé de vento nos assustou e os primeiros trovões se fizeram ouvir.

Assustados, todos, ficaram em expectativa. A harmônica silenciou. Neste mesmo instante, surgiu à nossa frente o sr. Eduardo. Em seu semblante, marcante e indulgente, notava-se preocupação. Perguntou-me se não queria pernoitar ali e seguir para Hammônia na manhã seguinte. Havia alojamento, mas nada mais havia para comer, nem ao menos pão.

Agora, era tomar uma decisão difícil. Expliquei ao sr. Eduardo que se nós deveríamos enfrentar a viagem hoje, ainda que com o temporal ameaçador, à nossa frente, somente ele poderia decidir. A resposta do mesmo foi enérgica. Disse que sabia bem deste pormenor, mas queria saber nossa opinião.

No mesmo instante em que verificava-se o diálogo, meus olhos depararam com os de um audacioso e temível índio. Fiquei assustada. Por isso, logo tomei a decisão de ir embora o mais rápido possível. Temia que algo nos acontecesse durante a noite se permanecêssemos ali. Olhei para as cinco moças que faziam parte da nossa excursão e vi cla-

ramente o perigo ao qual estavam expostas.

Pedi então ao sr. Eduardo que nos deixasse partir imediatamente. Parece que até ele, com a nossa decisão, respirou aliviado, ante as possibilidades reais do perigo que correríamos se ali pernoitássemos.

Alguns instantes após a decisão, o grupo todo estava pronto para a partida.

Agora, porém, seríamos separados da seguinte forma: os jovens partiriam pela floresta, enquanto que os mais idosos viajariam em canoas pelo rio Hercílio, para facilitar o regresso. Logo se fez sentir um espírito de pânico e um só pensamento: Partir!

Mais um rápido adeus de nossas filhas e lá desapareceram na floresta, percorrendo o picadão, acompanhados por seus guias.

A tempestade aproximava-se cada vez mais. Os raios rasgavam o céu.

Parecia até um sonho, o fato de encontrar-me, finalmente, ao lado de meu marido, esperando a nossa vez de partir.

Em nosso regresso, logo nos primeiros momentos de caminhada, houve muita confusão, ouvindo-se gritos de um lado para outro. Alguns retardatários ainda procuravam atravessar uma passarela — ou “pinguela” — feita com um só tronco de árvore.

De repente, surgiu à minha frente, o sr. Eduardo, trazendo um velho casaco militar. Ele fez com que eu o vestisse, pois não podia, dizia ele, enfrentar a viagem sem aquele vestuário. O casaco era tão velho e imundo que em outra ocasião eu só o teria tocado com as pontas dos dedos. Mas, sem objeção, eu o vesti.

Provavelmente, dentro daquele casaco, eu fazia uma triste figura. Mas naquele momento, não havia lugar para pensar a respeito disto.

Chegaram finalmente as canoas nas quais deveríamos viajar. Os remadores pediram por favor que embarcássemos. Eu fui conduzida pelo braço de meu marido e colocada na embarcação, fabricada de um só tronco de árvore, possivelmente cedro ou garapuvu. À minha frente, com fisionomia muito severa e austera, meu marido.

Começou então a viagem fluvial, cuja canoa era dirigida por um engenheiro do sul do Estado e um jovem indígena.

Entregues aos elementos, seguíamos rio abaixo. Eu me sentia presa ao assento da canoa, receiando que a qualquer momento pudesse sossobrar.

Sempre mais caía a noite. Sobre nossas cabeças estouravam os trovões. Poucos minutos depois a água caía sobre nós.

Desesperada, eu previa um desastre. Meus olhos procuravam transpor a escuridão na expectativa de vislumbrar qualquer obstáculo à frente da canoa. Meus sentidos lembravam as minhas filhas, vestidas apenas com leves roupas de verão. As florestas elevavam-se negras e impenetráveis à nossa frente.

Molhada e com frio, estava eu sentada, com os olhos ardentes, procurando sempre atravessar a escuridão.

Repentinamente, aconteceu uma mudança comigo. Não sabendo nadar, via a morte à minha frente. Agora, começava a

rezar. Isto queria dizer que eu isolava todos meus pensamentos negativos e entregava-me às mãos de Deus.

Bem determinada neste pensamento, já sentia então que estava acima de toda angústia e o medo desaparecera.

Foi a minha salvação, e logo a sentiria. Com maior velocidade, seguíamos à frente e logo os indígenas apareceram, observando-nos, junto a um bloco de rochas. O índio remador determinou que desembarcássemos e por cima das rochas, tivemos que engatinhar para a terra firme. Logo que chegamos ao rio mais tranquilo, a canoa foi novamente colocada na água e nós seguimos viagem.

Diversas vezes se repetiu a manobra de andar sobre rochas, nas corredeiras em que a canoa não podia passar e era carregada pelos homens, enquanto que nós fazíamos toda sorte de malabarismos sobre as pedras lisas e perigosas. Enfrentando tais perigos o meu medo acabou desaparecendo totalmente.

Finalmente, chegou o momento em que colocamos novamente os pés em terra firme. Eu estava tão impressionada com os acontecimentos das últimas horas que foi difícil esquecer as mesmas de imediato. Ao índio que nos guiou, enviei, dias mais tarde, um pacote contendo oferendas e meus agradecimentos.

Vencida a primeira etapa, a-

gora poderíamos seguir viagem de carro, já que o temporal não tinha causado estragos às condições da estrada. Mas, sempre faltava ainda o último homem, que havia se atrasado. A ausência dele já deixava a todos preocupados. Foi então que ouvimos gritos de alegria vindos da margem do rio, onde havíamos postado guardas. O desaparecido regressara!

O seu atraso se deve ao entusiasmo que sentiu ao cavalgar pelas picadas e, no último momento, pediu um cavalo para poder acompanhar o grupo. Em certo momento, durante o trajeto, o cavalo assustou-se e começou a galopar. Ele caiu. Quando voltou a si, o cavalo havia desaparecido. Foi quando ele ficou sozinho na escuridão da noite, entregue aos elementos da natureza.

Uma hora após outra se passavam e, desesperado, ele sentava-se, por diversas vezes, no chão molhado. Finalmente, apareceram as luzes dos postos. Mais medo sentiu ainda quando lhe contaram que na vizinhança fora avistado um bugre armado, uns dias antes.

Bem depois da meia noite, chegamos ao destino. Quando hoje recordo esta excursão, logo se apodera de mim um profundo sentimento de gratidão com relação ao que aconteceu e a acolhida que tivemos".

Tradução: Edith S. Eimer

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

Subsídio à história da “Escola Nova” de Blumenau

Frederico Kilian

O jornal IMIGRANT, semanário fundado pelo Pastor Faulhaber, em 1882, editado por B. Scheidemantel, em seu número 11, de 17 de março de 1889, traz um artigo sobre a fundação da Escola Nova, há precisamente, 100 anos, no dia 10 de março daquele ano, e cujo artigo passamos a reproduzir em vernáculo: Escreve o jornal: “Blumenau — Apesar do excessivo calor reinante no domingo passado, o comparecimento à **assembléia escolar**, que se realizou no salão do sr. Gross, foi extraordinariamente bem concorrida. Dos 62 sócios inscritos, compareceram 45.

Para a nova escola esta participação ativa foi um sinal promissor; a indiferença é sempre prejudicial e muitos empreendimentos de utilidade pública pereceram por apatia. Porém, esta reunião teve um objetivo especial; teria que dar à nova escola caráter e forma; determinar o ensino e administração em geral; portanto, imprimir-lhe o cunho para o futuro. Esta tarefa a assembléia resolveu de forma louvável. Os debates decorreram, apesar de algumas opiniões divergentes, em geral de forma sucinta, estritamente objetivas, com exclusão de todas e quaisquer considerações pessoais e somente podemos expressar o desejo e esperança, que o espírito que ora domina na sociedade escolar, se conserve para todo o futuro. A diretoria, eleita para um período de três anos, compõe-se dos se-

guintes senhores: MERCK, presidente; PROBST, substituto; HERING SENIOR, tesoureiro; Professor HÄRTEL, 1º secretário; SALINGER, 2º secretário. Para revisores da caixa, foram eleitos os senhores FRÖHNER e BLOHM. Como local provisório da escola deverá ser usado a casa e terreno pertencente ao Dr. Blumenau, onde há anos já fora alojado a antiga escola. A 1º de maio será inaugurada e aberta a escola, com dois professores, os senhores WETZEL e RUSELER.

O Dr. Fritz MÜLLER, nosso célebre consadão, ofereceu-se de assumir o ensino da matéria de ciências naturais. Nossa nova geração poderá, portanto, orgulhar-se de ter o privilégio de usufruir o ensino ministrado por um dos mais sábios da atualidade. Da mesma forma o senhor DOERK se ofereceu para o ensino da ginástica. Os excelentes resultados deste senhor como professor da Sociedade de Ginástica local, são indiscutivelmente reconhecidos. Notadamente merece louvor pela sua eficaz educação dos ginastas a uma disciplina militar e cultivo do espírito de solidariedade da turma, tão necessária à nossa juventude. Este ramo de ensino está nas mãos do senhor Doerck em tão boas mãos como o das ciências naturais nas mãos do Dr. Fritz Müller. Como terceiro ofereceu-se o senhor Dr. PAULA RAMOS, engenheiro-chefe da Comissão de Levantamento Topográfico, a

ministrar o ensino de Física, Química e Agricultura. Estamos convictos de que o Dr. Paula Ramos, com os profundos conhecimentos que possui, terá consideráveis resultados. Todos estes três senhores darão suas aulas **completamente de graça**. Este proceder é ainda mais louvável, porquanto nenhum dos três senhores têm filhos em idade a frequentar a escola, não tendo, portanto, outro interesse qualquer que não o de ver o prosperar e desenvolvimento da escola. A eles serão assegurados os mais calorosos agradecimentos de todos os amigos da escola e ainda de toda a colônia. O número de sócios da nova Sociedade Escolar, entretanto, subiu a mais de 70. O número dos alunos matriculados ainda não foi constatado, porém, deve chegar à mesma cifra. As inscrições serão aceitas a todo o tempo pela Diretoria da escola e chamamos a atenção a todos que pretendem associar-se à comunidade escolar, que é no próprio interesse seus e de seus filhos, si se inscreverem o quanto antes e, em todo o caso, antes do início das aulas. A nova sociedade escolar conseguiu, felizmente, a constituir a sua escola, sem incidentes, sem lutas e até sem atritos, graças à compreensão e espírito de abnegação de cada um. Porém, para que a escola venha a se desenvolver ao que deve ser, é preciso: Uma escola que satisfaça às mais altas exigências, é necessário que o interesse à mesma fique mantido na comunidade e que, com a mesma compreensão, como até agora a diretoria e professores sejam auxiliados em todos os sen-

tidos, e que, se necessário, não falte, no futuro, a abnegação de todos. Se assim acontecer, a nossa escola será uma benção para a nossa colônia e ao mesmo tempo em mudo monumento que, porém, em eloquente linguagem, dá um testemunho do civismo dos fundadores e dirigentes”.

Até aqui o citado artigo.

Ainda no jornal IMIGRANT, em seu nº 13, de 30 de março de 1890, a Diretoria da Escola Nova, ao ensejo do final do primeiro ano letivo da mesma, publicou um anúncio do seguinte teor:

“ESCOLA NOVA DE BLUMENAU — Segunda-feira, 31 de março, às 8 horas da manhã, realizar-se-á, no edifício escolar, o EXAME ESCOLAR, para o qual são convidados os senhores pais dos alunos e amigos da escola. As crianças a serem admitidas no novo ano escolar, devem inscrever-se junto ao inspetor escolar, senhor Pastor Faulhaber”.

Assim, o estabelecimento escolar, fundado a 10 de março de 1889, e inaugurado a 1º de maio do mesmo ano, e que com o correr dos anos transformou-se num dos maiores e mais renomados educandários do ensino do Estado que é o atual Conjunto Educacional Pedro II, desta cidade, pode, com orgulho e satisfação dos blumenauenses, comemorar o seu centenário de atuação na formação educacional e moral da nossa juventude, e a realização concreta dos objetivos idealizados pelos fundadores da ESCOLA NOVA de Blumenau, aos quais aqui prestamos nossas homenagens.

KRAICHGAU - Berço dos Badenses de Brusque

João Carlos Mosimann

Dos imigrantes alemães que colonizaram Brusque, mais da metade era originária do Grão Ducado de Baden, hoje Província de Baden-Württemberg, e mais precisamente do KRAICHGAU.

Baden já constituía uma unidade política, étnica e linguística na época de emigração. Fora habitada desde o século III pelos alamanos, conglomerado de várias tribos germânicas continuamente engajados em conflitos com os romanos, e impermeáveis a outras culturas. Do final do século V ao século X os alamanos foram dominados pelos francos.

Apesar do domínio franco, os alamanos conseguiram preservar ao longo dos séculos na sua língua, que sobrevive ainda hoje nos dialetos de Baden, da Suíça alemã e da Alsácia (França), e que foi trazido para Brusque pelos imigrantes badenses.

A história da região está profundamente ligada ao feudalismo que grassou durante séculos, e ao catolicismo, adotado desde o século V quando do domínio franco. Os alamanos eram originalmente pagãos.

A região manteve-se essencialmente católica através dos séculos, por influência dos bispos de Speyer, senhores das terras.

Os protestantes que porventura ali aportassem e não se con-

vertessem, eram profundamente discriminados, negando-se-lhes, inclusive, lugar nos cemitérios se tivessem a desventura de ali falecerem.

Na idade média as aldeias da região recolhiam o dízimo às ordens religiosas e mosteiros, herança dos tempos do domínio franco quando o dízimo era revertido aos duques e soberanos.

Politicamente a região consolidou-se em 1801 quando da criação do Grão-Ducado de Baden, através do Tratado de Luneville.

KRAICHGAU

As famílias de badenses que chegaram a Brusque eram originárias de antigas aldeias situadas numa pequena região chamada KRAICHGAU, na margem direita do rio Reno, mais precisamente entre as cidades de Heidelberg e Karlsruhe, e que tem em BRUCHSAL o seu principal pólo urbano.

Com uma extensão de aproximadamente 800 Km² a região deve seu nome ao rio Kraichbach, afluente do rio Reno que a atravessa. Trata-se de faixa de terras férteis entre o Odenwald e a Floresta Negra, e onde cultivava-se vinhedos e lavouras de cereais.

O Kraichgau está situado em zona climaticamente mais amena, com estações do ano bem definidas e relativamente bem ensola-

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

rada. Região de bosques, algumas estações termais, fortalezas e castelos medievais bem preservados, o Kraichgau tem em Bruchsal e Bretten seus principais pólos urbanos e culturais, hoje relativamente bem industrializados.

BRUCHSAL

Bruchsal foi originalmente uma "villa" real pertencente aos imperadores e reis germânicos e já era citada no ano de 937 com o nome de "Bruxolegum".

No ano de 1.056 o imperador germânico Henrique III doou-a a Konrad I, bispo de Speyer. A igreja de São Pedro, nos arredores de Bruchsal, era o lugar de sepultamento dos bispos, cuja residência de verão situava-se nas proximidades. Em 1.190 os bispos compraram e anexaram o condado de Calw e o lugar desenvolveu-se rapidamente, tornando-se uma cidade.

A guerra dos camponeses durante o período da Reforma Protestante irrompeu inicialmente em Bruchsal. Em 1676 e 1698 a cidade foi incendiada pelos franceses.

Os últimos 4 bispos de Speyer a tiveram por residência, deixando um pomposo castelo barroco circundado por mais de 50 construções, todas no mesmo estilo arquitetônico. Seu construtor, o cardeal de Schönborn, o iniciou em 1720, às margens da estrada de Heidelberg. Pelo Tratado de Luneville (1801) a cidade foi cedida, juntamente com outras terras do lado direito do Reno per-

tencentes ao bispado, ao Grão-Ducado de Baden.

O palácio (hoje restaurado) e a cidade foram bombardeados em 1945, durante a Grande Guerra.

Bruchsal, atualmente com cerca de 40.000 habitantes, constituiu-se num importante entroncamento ferroviário e fabrica máquinas, papel, sabão, cerveja, vinhos e aguardente.

AS ALDEIAS DE ORIGEM

NEUTHARD, KARLSDORF, HAMBRÜCKEN e NEUDORF são as principais aldeias de origem dos imigrantes badenses que aportaram em Brusque no século passado. Pequenas comunidades rurais, formam um verdadeiro cinturão em torno de Bruchsal. Todas com menos de 1.000 habitantes por ocasião da emigração, constituíam freguezias do bispado de Bruchsal.

Bruchsal representava, e continua representando, o pólo urbano ao qual essas aldeias se ligavam economicamente. Essa articulação entre a aldeia e a cidade dominava a estrutura da economia camponesa na Alemanha no século XIX, segundo a historiadora Giralda Seyferth. (*) Não há registro de badenses vindos diretamente de Bruchsal ou de cidades de maior porte da região, o que corrobora com a tese de que os imigrantes eram todos oriundos do campo.

Outras aldeias do Kraichgau que contribuíram com a imigração brusquense foram: BÜCHENAU, FORST, WEIHER, UBS-

(*) "A colonização alemã no Vale do Itajaí Mirim - Editora Movimento/SAB 1974

TADT, WIESENTAL, RCT, ODE-
NHEIM, KIRRLACH, RAINBACH
e SPIELBERG.

NEUTHARD

Situada a 5 km de Bruchsal, nas margens do rio Pfinz, afluente do Reno, Neuthard é uma das típicas comunidades rurais de origem dos imigrantes badenses de Brusque.

As terras do bispado de Seyer incluíam as áreas e povoações situadas nos arredores de Bruchsal, dentre elas a atual Neuthard. Historicamente o lugar foi mencionado pela primeira vez no ano 1.300 com o nome de Nythart, mas há indícios de que uma povoação já existisse na época de Carlos Magno (em torno do ano 800).

O crescimento populacional da aldeia foi lento e abalado pelas guerras dos séculos XVII e XVIII. Em 1530 possuía 160 habitantes, em 1607 — 190. Durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) o número de famílias da localidade reduziu-se de 33 para 7. Em 1683 possuía apenas 100 habitantes em consequência da Guerra de Orleães.

Em 1744 — 302 habitantes;

Em 1814 — 440 habitantes;

Em 1850 — 763 habitantes.

Na época da emigração para Brusque a base da economia estava centrada no cultivo do lúpulo e do fumo, e a população atingia aproximadamente 800 habitantes. As emigrações da 2ª metade do século XIX contiveram o crescimento populacional da aldeia, de forma a atingir apenas 873 habitantes na virada do século (1900).

Com a industrialização do

pós-guerra e a vinda de refugiados do leste europeu a pequena comunidade sofreu um acelerado progresso fazendo com que atingisse 3.500 habitantes nos dias atuais.

A configuração atual da cidade é, guardadas as proporções, as mesmas da 2ª metade do século passado, pelo que se depreende dos mapas da época: todas as casas aglomeradas de forma compacta no núcleo urbano (Stadtplatz tendo em volta as áreas agrícolas, muitas delas de uso comum. Da Stadtplatz partiam radialmente os caminhos para o campo. Pela pequena área de terras cultiváveis pertencentes à aldeia, constata-se a real impossibilidade de sustentar a comunidade na época, dependente exclusivamente da agricultura, o que explica de certa forma a evasão ocorrida.

Somente de NEUTHARD e KARLSDORF, que formam juntas um município, emigraram para Brusque duas centenas de pessoas.

OS EMIGRANTES

De NEUTHARD emigraram comprovadamente para a então Colônia Itajahy (Brusque) as seguintes famílias:

1860 Mathäus Münch e Família; Anton Schwarz e Família; Franz Werner e Família; Magdalena Baumgärtner, viúva e filha; Thomas Baumgärtner e Família; Sebastian Emmendorfer e Família; Josef Bohn — solteiro.

1863: Jakob e Margarethe Hehl - irmãos solteiros; Julius Brunner - solteiro; Michael Schaefer e Família; Bernard Kistner e

Família; Ludwig Baumgärtner e Família.

1865: August Kistner e Família; Franz Anton Krieger e Família.

1867: Ignaz Schaefer e Família; Josef Zimmermann e Família; Josef Bohn e Família; Johann Bohn, viúvo e 2 filhas; Wilhelm Schwarz, viúvo.

Sem data definida de chegada

Philippe Jakob Brunner e Família; Maximilian Bittelbrun e Família; Franz Anton Baumgärtner - solteiro.

De KARLSDORF:

Johann Josef Erthal e Família; Josef Washenfelder e Família; Franz Adan Washenfelder e Família; Johann George Rüffel e Família; Philippe Josef Rüffel e Família; Josef George Habitzreuter e Família; Johann Josef Habitzreuter e Família; Catharina Habitzreuter, viúva e filhos; Juliana Catharina Cress, solteira ou viúva; George Daniel Fischer e Família; Johann Nicolau Fischer e Família; Isabella Schlindwein, viúva e filhos; Xaver Imhof e Família; Franz Jakob Klein e Família; Franz Carl Rüffel e Família; Theodor Erthal e Família; Franz George Schlindwein e Família; Georg Melchior Schlindwein e Família; Carl Franz Hörner e Família; Andre Schlindwein e Família; Johann Josef Erthal e Família; Johann Adan Groh e Família; Ludwig Huber e Família.

De HAMBRÜCKEN:

Josef Philippe Heiler e Família; Martin Graf, viúvo e filhos; Ignaz Baron e Família; Adolph Batshauer e Família; Johann Erbrecht e Família; Johann Nepomucen Köhler e Família; Francis-

ca Debatin, viúva e filhos; Luise Peischler, solteira; Peter Hertle e Família; Franz Carl Bohn e Família; Josef Köhler e Família; Teodor Reichert e Família; Johann George Schmidt e Família.

De NEUDORF:

Christina Decker, viúva e filhos; Carl Debatin e Família; Isabella Bodenmüller, viúva e filhas; Wendelin Hein, viúvo e filhos; Franz Josef Petermann e Família; Vincenz Siegel e Família; Peter Jakob Hein e Família; Franz Josef Groh e Família; Ignaz Bodenmüller e Família; Michael Kling e Família.

De BÜCHENAU:

Johann Jakob Zimmermann, solteiro; Gabriel Zimmermann e Família; Daniel Knoch e Família; Magdalena Helleriegel, viúva.

De WIESENTAL

Damian Dei e Família; Francisca Mahl (viúva de Maximilian Schaefer); Franz Oswald e Família; Johann Kormann e Família; Josef Scharf e Família; Josef Schweigert e Família.

De WELHER

Eugenia Wippel e Filhos; Jaco Wippel e Família; Johann Bad e Família; Josef Becker e Família; Nicolau Schmidt ou Sophia Wippel (viúva) e filhos;.

De CDENHEIM

Anton Prosbolt e Família; Johann Batist Hodecker e Família; Michael Rudolph e Família.

De UBSTADT

Adan Boos e Família; Johann Schaadt e Família.

De ROT
Christian Rotharmel e Família;
Philippe Lang e Família.

De KIRRLACH
Andre Nuss e Família; Johann
Philippe Nuss e Família.

De GROMBACH
Cosmo Becker e Família;
Franz Florian Becker e Família.

De FORST
Josef Horn (solteiro?)

De RAINBACH
Daniel Veith e Família.

De SPIELBERG
Susana Maria Müller - solteira.

De OBEROWISHEIM
Johann Heckert e Irmãos

(Ignaz, Maria e Eva).

FONTES DE PESQUISA

"Kurzer Überblick über die
geschichte unserer gemeinde
Karlsdorf/Neuthard"

"Aus der geschichte von Neu-
thard" - vários autores.

"Kraichgau" - Landratsamt
Karlsruhe

"Heimatmorschung Neu-
thard"

Livros de registro em poder
de Raimund Geissler (Neuthard -
Alemanha .

Livros de casamento de Brus-
que de 1861-1880 e 1880-1898 (Cú-
ria Metropolitana)

"Brusque" - Oswaldo Rodri-
gues Cabral.

"A colonização alemã no Va-
le do Itajaí Mirim" - Giralda Sey-
ferth.

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

"O AMIGO ESCRITO"

As Secretaria de Estado da Cultura e da Casa Civil acabam de lançar o livro de minha autoria "O amigo escrito", o 16.º que estou publicando. Esse livro é uma evolução da biografia "Godofredo Rangel", editada em 1977, com acréscimos de informações posteriores, algumas correções e supressões. Quando fiz esse livro, fruto de pesquisas muito difíceis, em especial pela carência dos elementos disponíveis, eu pensava apenas em dar uma pequena contribuição para o conhecimento da vida e da obra do grande escritor. Mas o livro obteve, para surpresa minha, excelente acolhida e foi comentado na imprensa de muitos Estados. Passou a ser citado como uma espécie de "biografia oficial" de Rangel e isso me incentivou a revê-lo com cuidado, aproveitando, inclusive, os inúmeros dados que me chegavam por carta ou no texto de artigos publicados.

Considerando que se tratava "de uma obra que, ainda que não aborde assunto catarinense, é importante no contexto da literatura nacio-

nal" e que seria "uma homenagem ao talento de um escritor que não foi prestada pelo seu próprio Estado", tanto a Secretaria da Cultura, como o Diretor Geral da Secretaria, ficaram sensibilizados e envidaram esforços para a publicação.

O livro agora está circulando, uma espécie de biografia definitiva do autor de "Vida Ociosa". Espero que tenha muito curso por todo o país e contribua para fazer alguma justiça.

TRÊS LIVROS

Três livros novos, dois nacionais e um estrangeiro, ostentam em capas e orelhas manifestações críticas aqui publicadas por mim. São eles: "Reencanto", poemas de Jaime Vieira, do vizinho Estado do Paraná, edição da Editora do Escritor de S. Paulo; "Presença de Balzac", notas de um diário de João Manuel Simões, português "naturalizado" curitibano, publicado pela Editora Grafikor, também de S. Paulo, e "Mais putos ao Deus-dará", contos e novelas do escritor e poeta português A. Vicente Campinas, edição de N. A. Orion, de Lisboa, onde o autor dá sequência à coletânea da mesma linha reunida em volume anterior. Para os que não sabem, informo que putu, em Portugal, não é palavrão, mas significa "menino" ou "garoto". Assim, estando "ao Deus-dará", expressão também usada no Brasil, é o abandonado, o marginalizado, entregue a um destino amargo que esses textos buscam mostrar.

LANÇAMENTOS

Registro com prazer o aparecimento dos seguintes livros de autores catarinenses: "Transação" e "Segunda Pessoa", ambos do poeta Alcides Buss dando prosseguimento à sua luta incansável em favor da movimentação do livro; "Uma cantiga para Jurerê", mais um romance de Almir Caldeira, autor de tantas outras obras exitosas; "Rastreamento", coletânea de novos e pequenos poemas de Martinho Bruning, o celebrado poeta blumenarense, um poeta dos realmente bons; "Ao redor de Cruz e Sousa", de Iaponan Soares, conjunto de ensaios sobre o poeta maior, revelando inclusive vários textos inéditos de sua lavra; "O último e outros dias", contos de um ficcionista que é dono da técnica, Adolfo Boos Júnior, à qual sabe aliar como poucos a criatividade; "A Igreja na colonização italiana no Médio Vale do Itajaí", ensaio histórico de Aléssio Berrí; "Ave de rapina", poemas e contos de Ralf Kraft, "As colônias de Santa Catarina", tradução das obras de J. J. Tschudt, e "A extensão rural na história de Timbó", livro realizado em co-autoria por Sérgio Roberto Maestrelli, Celina Maria Becker e Virson Holderbaum, onde os autores analisam e documentam de forma viva e interessante, com depoimentos, fotos e curiosidades a influência benéfica dessa forma de assistência ao ruralista naquela importante região de nosso Estado. Livro bem feito e que merece atenção.

EXPOSIÇÃO OURO VERDE

A UFSC e a Prefeitura Municipal de Canoinhas promoveram uma exposição muito curiosa documentando a produção da erva-mate, o ouro verde de um ciclo histórico de riqueza e fausto no norte catarinense. Com pesquisas e fotografias de Joi Cletison, Fernando Tokarski e Egon Thien (autor da capa de um de meus livros) é mostrada a sequência completa (e complexa, cheia de segredos) da atividade ervateira, desde a colheita até a embalagem do produto, já pronto para o consumo. As fotos são todas de alto nível, dignas de autores que são "experts" na matéria.

Na abertura da exposição, no saguão da Reitoria da UFSC, foi servido chimarrão, com vários tipos de ervas produzidas na região de Canoinhas.

SUPLEMENTOS

Estão circulando mais um número de "A Ilha", suplemento literário editado por Luiz Carlos Amorim; mais uma edição de "Galope Poético", que tem à testa o poeta Jurandir Schmidt, e "Poiêtiké", editado em Brasília e no qual colaboram diversos catarinenses.

ARTES

Na campo das artes, múltiplos foram os eventos. A Galeria Açúcar promoveu com sucesso a exposição "Salto nas Raízes", de Guido Heuer. O Foto Clube de Santa Catarina realizou exposição de ensaios fotográficos de Gladys Werner, no hall de entrada da FURB, com boa afluência de público. A Casa da Alfândega, dentro da série Galeria de Arte 88, exibiu colagens de João Olíbio (Santa Catarina) e pinturas de Tânia Vescovi (idem) e o Museu de Arte de Santa Catarina — MASC montou o Ciclo de Dezembro, com Vera Sabino ("Vinte anos de arte"), Fotojornalismo Catarinense (Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina) e Acervo do Masc, exibindo as aquisições e doações do ano passado. Foi uma surpresa agradável a exposição de gravuras de Antônio Chiarello e Francisco Bracht, levada a efeito no saguão do Hotel Bertaso, em Chapecó. Apresentou-se na ocasião um conjunto musical de cordas, composto por artistas amadores, com excelente desempenho. Está o Oeste de parabéns por esse evento.

AESC

A AESC — Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina anda morre-não-morre. Apesar do esforço do presidente Gomes Neto, as coisas vão de mal a pior e a entidade não dispõe de recursos nem sequer para a correspondência. Embora conte com 148 associados, só 36 pagaram a anuidade de 1988, inviabilizando qualquer realização. Diante dessa situação não tem a AESC outro caminho exceto apelar para os poderes públicos com pedidos de socorro, o que, além de não ser função deles, tira da Associação a desejável independência. Ou então esfumar-se como mais um sonho irrealizado.

Comunidade Católica de Pomerode — Notas II

Pe. Antônio Francisco Bohn

Os gasparenses, diante de suas necessidades espirituais, fazem um requerimento ao Governo da Província, pedindo fosse criada uma freguesia (paróquia). Foram atendidos e, em 28 de julho de 1961, o Revmo. Pe. Alberto Gattone publicou o respectivo decreto e instalou a paróquia.

Neste tempo, a colônia de Blumenau recebeu o acréscimo de 148 católicos, os quais foram dispersos nas diversas estradas existentes, em vez de formar um núcleo unido: um grupo recebeu lotes no Garcia e Caeté, outro em Badenfurt e o terceiro em Testo Salto. Estes últimos construíram uma capelinha a São Notker, os badenses a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ambas de pouca duração(1). De 1864 até 1866 existe esta capela em Testo Salto, coberta de palmitos. Cabia ao então primeiro vigário de Gaspar (1858-1867), Pe. Alberto Gattone, realizar esporádicas visitas aos católicos então aqui residentes.

A partir de 1861 havia iniciado a ocupação do Vale do Rio do Testo. De 1862 a 1867 estabeleceram-se na margem direita, 50 católicos; de 1861 a 1866, outros 36 na margem esquerda (2). Cabia ao então segundo vigário de Gaspar (1867-1869), Pe. Antônio Zie-

linski, o atendimento religioso destes imigrantes que, mesmo em pequeno número nutriam o desejo deste acompanhamento religioso, sentimento trazido desde a pátria mãe.

No dia 1.º de maio de 1870, é feita a doação de parte dos lotes 103 e 104 da margem direita, respectivamente de propriedade de Bernardo Henkemeyer e Hermann Enkrott, afim de que fosse construída uma capela (3).

Em 1871, esta capela é construída, dedicada a São Ludgero, em Rio do Testo (4). Começa a atender a região (1869-1872) o Pe. Guilherme Antônio Mário Roemer. Numa de suas visitas encontrou pronta esta primitiva capela, também coberta de palmitos.

Do ano de 1872 a 1876, o atendimento religioso é realizado pelo Revmo. Pe. Carlos Boegershausen e de 1876 a 1892, pelo primeiro vigário de Blumenau, Pe. José Maria Jacobs. Assim, a partir da criação da paróquia e, conseqüentemente temos o registro religioso também da capela de São Ludgero a partir dos livros do Tombo da Paróquia São Paulo Apóstolo. Esse registro consta de:

1) Termo da bênção (n.º 4) do cemitério de Rio do Testo:

“Em virtude da faculdade que me foi concedida por provisão

(1) Vida Católica em Blumenau, artigo de Fr. Estanislaw Schaette, em Centenário de Blumenau, p. 261.

(2) Pomerode, sua História, sua Cultura e suas Tradições, fasc. 3, p. 23.

(3) Comunidade Católica de Pomerode - Notas, in Blumenau em Cadernos, Nov/Dez/87, p. 348.

(4) Esta capela foi renovada e benta em 05.05.1896, nova construção em 1932, ampliação e reforma nos anos de 1936 e 1954.

de 25 de janeiro deste anno, aos 29 de maio de 1877, às onze horas da manhã benzi o cemitério contorno da capella de São Ludgero, em Nova Westphalia desta freguesia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, usando neste acto da formula prescripta no Ritual Romano. E para constar fiz este termo que assignei.

São Paulo de Blumenau, aos 29 de maio de 1877.

Pe. José Maria Jacobs, vigário da freguesia de São Paulo."

- 2) Termo 96: Pedido para ereção de Via-Sacra:

"Exmo. e Revmo. Snr. Bispo: O vigário Pe. Frei Herculano Limpinsel, o.f.m. vem respeitosa-mente pedir a V. Excia. Revma. o necessário consentimento "in scriptis" para erigir a Via-Sacra na capella de São Ludgero de Rio Testo.

Blumenau, 26 de janeiro de 1897. (5)

Como requer.

Curitiba, 13 de fevereiro de de 1897.

Pe. Alberto José Gonçalves, governador do Bispado".

- 3) Termo 118: Provisão datada de 3 de novembro de 1898 para a celebração de missas na capela de São Ludgero.

- 4) Termo 197: Ereção da Via-Sacra na capela.

"Em virtude da faculdade concedida aos treze de fevereiro de 1897, o Revmo. Pe. Frei

Herculano Limpinsel, vigário, erigiu canonicamente a Via-Sacra na capella de São Ludgero do Rio Testo aos 21 de maio de 1897 usando neste acto da formula prescripta no Ritual Romano do que para constar lavrei este assento que assigno.

Frei Firmino Harbers."

- 5) Termo 267: Pedido de bênção de uma cruz.

"Exmo. e Revmo. Snr. Bispo: O vigário Pe. Frei Chrysologo Kampmann vem respeitosa-mente a V. Excia. Revma. que se digne conceder a licença de benzer uma cruz no cemitério do Rio Testo.

Blumenau de São Paulo, aos 30 de agosto de 1905.

Como requer, aos 5 de setembro de 1905.

Dom Duarte, bispo de Curitiba". (6)

6. Termo 277: Provisão bianual de celebração de missas para a Capela São Ludgero a 1.º de janeiro de 1908.

7. Termo 288: Provisão de Conselho da Fábrica (7) de São Ludgero, Rio Testo, filial à matriz de Blumenau, a 1.º de janeiro de 1907.

8. Termo 297: Provisão de Conselho de Fábrica de São Ludgero, Rio Testo.

Curitiba, 19 de janeiro de 1907, assinada por Mons. Gonçalves, governador do bispado.

9. Termo 324: Provisão de fun-

(5) Terminado este periodo do Pe. Jacobs, a paróquia São Paulo Apóstolo foi entregue aos padres franciscanos para o atendimento pastoral.

(6) O Pe. Boegershausen, desde 1857 era representante da autoridade eclesiástica para a zona de colonização de Joinville, Blumenau e Brusque. Blumenau pertenceu ao bispado de São Sebastião do Rio de Janeiro, até que foi criada a diocese de Curitiba (26.5.1892), depois Florianópolis (1906), e Joinville (17.1.1927).

(7) O Conselho de Fábrica era composto de uma diretoria que ajudava na administração das matrizes e capelas. A atual denominação é CAEP.

- cionamento da capela para o ano de 1909.
10. Termo 325: Provisão anual do Conselho de Fábrica de Rio Testo para o ano de 1909.
 11. Termo 336: Provisão de funcionamento da capela para o ano de 1910.
 12. Termo 337: Provisão anual do Conselho de Fábrica de Rio Testo para o ano de 1910.
 13. Termo 347: Provisão de funcionamento da capela para o ano de 1911.
 14. Termo 348: Provisão anual do Conselho de Fábrica de Rio Testo para o ano de 1911.
 15. Termo 363: Provisão de funcionamento da capela para o ano de 1912.
 16. Termo 364: Provisão de funcionamento do Conselho de Fábrica de Rio Testo para o ano de 1912.
 17. Termo 7 (2.º Livro do Tombo): "Aos... até junho de 1912, houve missão em alemão, pregada pelo Rev.mo Pe. Solano Schmitt, o.f.m., confissões, comunhões, missão feita na capella de Rio Testo".
 18. Termo 16: Provisão de funcionamento da capela para o ano de 1913.
 19. Termo 17: Provisão anual do Conselho de Fábrica para o ano de 1913.
 20. Termo 33: Provisão de funcionamento da capella para o ano de 1914.
 21. Termo 34: Conselho anual do Conselho de Fábrica para o mesmo ano.
 22. Termo 2 (Ano 1915 . (8) Provisão de funcionamento da capela em 1915.
 23. Termo 9 (Ano 1919) Provisão anual do Conselho de Fábrica.
 24. Termo 5: Provisão de funcionamento da capela para 1920.
 25. Termo 6: Provisão de Conselho de Fábrica para o mesmo ano.
 26. Termo 12: Provisão de funcionamento da capela para 1921.
 27. Termo 13: Provisão do Conselho de Fábrica para o mesmo ano.
 28. Termo 14: Provisão de funcionamento da capela para 1922.
 29. Termo 3 (Ano 1923): Relatório anual da capela São Ludgero, Rio Testo: Visitas anuais realizadas; Janeiro (1.º domingo, dia 7), fevereiro (1.º domingo, dia 4), março (Dia de São José, 19), abril (3.º domingo, dia 15), maio (Coroação de N. Senhora, dia 31), junho (São Pedro, dia 29), julho (5.º domingo, dia 29) agosto (Assunção, dia 15), setembro (5.º domingo, dia 30), outubro (2a. feira, dia 29), novembro (2a. feira, 26 e dezembro (5.º domingo, dia 30).
 30. Termo 19: Provisão de funcionamento da capela e Conselho de Fábrica para o ano de 1923.
 31. Termo 2: Notificação de que as visitas à capela serão nos 4.ºs. domingos do mês.
 32. Termo 7: Provisão de funcionamento da capela e Conselho de Fábrica para o ano de 1924.

(Continua)

(8) É seguida outra numeração dos termos de registro do Livro do Tombo.

1.º SIMPÓSIO CULTURAL BRASIL - POLÔNIA

1869/1989 — 120 ANOS DE
IMIGRAÇÃO POLONESA

Maria do Carmo R. K. Goulart

Estamos no ano em que se comemoram 120 anos de emigração polonesa para o Brasil Meridional.

Em agosto de 1869 chegavam os primeiros imigrantes poloneses à então Colônia Príncipe Dom Pedro, tendo permanecido na localidade cerca de dois anos quando, então, transmigraram para o Paraná.

Ao começo do estudo sobre o grupo, a escassez de informações era tal que precisamos juntar dados daqui e dali para chegarmos à uma historiografia oficial. Depois, a riqueza das fontes sobre a imigração polonesa e o manuseio destas fontes levou-nos ao amadurecimento de idéias, as quais foram transformadas em um livro: "A Imigração Polonesa nas então Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro".

Um trabalho assim, de resgate quase artesanal, com informações sendo pesquisadas com insistência séria, fez com que pensássemos na estruturação de um núcleo de levantamento de fontes, com estudos feitos a partir, e principalmente, de dados constantes do livros depositados em instituições oficiais do gênero.

Baseando-nos nisto, a coletâ-

nea de artigos publicados ao longo de 1988 no semanário brusquense "O Município" e no boletim cultural "Blumenau em Cadernos", foi agrupada e editada no livro: "Imigração Polonesa em Brusque — um recorde histórico".

O polonês é um povo com tradição de emigrar a séculos. A emigração mais antiga foi em busca do pão; depois foi por motivos políticos/econômicos, como durante a 2ª Guerra com as muitas incompreensões e amarguras sofridas por ele. O país que recebeu maior número de imigrantes foi Estados Unidos, seguido pela União Soviética, França, República Federal da Alemanha e Brasil.

Porém o fato de terem se tornado imigrantes, emigrantes ou transmigrantes não fez com que eles perdessem o vínculo com sua pátria. E levantar a história dos imigrantes poloneses em Brusque fez levantar também um outro dado muito importante: o orgulho de ser descendente de polonês.

A partir da pesquisa histórica e com os trabalhos publicados, pudemos perceber este tipo de "orgulho". As pessoas, ao que tudo indica, assumem uma identidade étnica além da sua identidade brasileira, ficando — por assim dizer —, com uma dupla identificação: a polono/brasileira. E vivem esta realidade de um modo intenso. A busca de seu passado justifica-se no resgate de informações no presente.

Eu, que me considero uma "polono/brasileira por adoção", já que não possuo vínculos nem de etnia nem de parentesco afim, me preocupo com o questionamento que leva os descendentes de polo-

neses à uma busca de suas raízes, transformado no orgulho de ser descendente de polônês. E constatado, afinal, nosso trabalho ter permitido isto, dentro do estudo das etnias em Santa Catarina.

No caso da imigração polonesa em Brusque, a situação periférica quanto à localização do espaço geográfico foi sempre constante. Desentendimento com italianos e algum desmando relacionado à administração oficial da Colônia, fez com que a atuação de dois líderes (Saporski e Zielinski) conseguissem alcançar a fronteira do Paraná. Para lá levados, deram início à imigração polonesa no vizinho Estado, deslanchando, anos mais tarde, o chamado processo imigratório polônês.

Como aqui chegaram em 1869, neste ano lembramos 120 anos de sua imigração.

Aos poloneses, pois!

Entre os poloneses, a palavra "Nazdrowie" significa erguer um tradicional brinde à saúde.

"Nazdrowie" é o que desejamos aos descendentes de poloneses radicados na cidade que estarão comemorando no primeiro semestre de 1989 o centenário de imigração para Brusque: os Walendowsky.

A comunidade brusquense abraça uma pequena colônia de descendentes poloneses e notadamente os Walendowsky dela fazem parte em número até expressivo.

O senhor Luis Walendowsky — um dos mais antigos membros da família — é filho de Francisco Walendowsky e Anastácia Witikosky Walendowsky, ambos imigrantes da Polônia. Francisco veio de Tomazow com a idade entre 5 a 7 anos e em Brusque foi morar no lugar conhecido como Limeira. Anastácia, imigrante de outra região (seu Luis não se lembra qual a origem da mãe), foi com seus pais para Ijuí, no Rio Grande do Sul, em 1888, onde permaneceu um certo tempo. Neste local os familiares de Anastácia "criavam galinhas mas não tinham onde vender, então vieram p'rá Itajai e foram rio acima de canoa até Ribeirão do Ouro (chamavam de Porto Franco naquela época) um percurso de mais ou menos 60 Km", segundo seu Luis. Quando chegaram a Porto Franco os futuros familiares maternos de Luis (os Witikosky) foram morar com outros imigrantes de origem polonesa. Haviam bugres na região e para impedir a invasão de elementos os colonos fizeram um cerco de taipa. Estavam armados e dividiam com outros imigrantes poloneses e italianos (a maioria dos moradores da região era de descendentes italianos) a segurança de suas famílias. O local era montanhoso e "onde tem morro tem polaco e italiano pois polaco gosta de morro porque capina em pé e italiano gosta de capinar abaixado, conta seu Luis cujos avós maternos arrendaram terrenos no atual Jardim Maluche e dedicaram-se à lavoura.

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

Foi nesta época que Francisco conheceu Anastácia e passaram a namorar. Casaram em 17/02/1906 e Luis nasceu a 25/11 do mesmo ano.

Luis estudou no Colégio das irmãs (Divina Providência) e no Grupo Escolar Feliciano Pires, onde aprendeu a falar português, pois até então só conversava em "polaco".

Dos 12 aos 18 anos de idade trabalhou na Fábrica Renaux como tecelão; foi também marceneiro em Tijucas e Florianópolis). Em 1924, novamente em Brusque e no Renaux começou a trabalhar como marceneiro — profissão que exerceu por dezesseis anos na mesma firma. Ao deixar a fábrica, Luis montou sua oficina própria. Foi a trajetória de operário a patrão, com a produção de lançadeiras — peças onde correm os fios para o tear e que imprimiram a marca característica do trabalho de seu Luis Walendosky.

Com a modernização dos maquinários, terminou a procura e a produção de lançadeiras. Seu Luis passou a trabalhar peças destinadas à construção de casas: esquadrias, portas, janelas e móveis. Ele conta, com uma ponta de orgulho, que quarenta e oito marceneiros aprenderam o ofício em sua oficina.

A diversificação do ramo têxtil em Brusque fez com que outras peças para máquinas fossem sendo solicitadas para a montagem de fábricas (como as tapeçarias e malharias) e a mercearia Walendowsky voltou à cena. Se formos fazer um resgate histórico veremos que o trabalho desenvolvido por sou

Luis caminha paralelamente ao progresso da indústria têxtil em nossa cidade e, na maioria das vezes, chega a se confundir com ele.

Mas há outro lado neste caso de vida que parece sinopse de novela das seis ("Vida Nova" não repete a história de cada um destes imigrantes ou filhos de imigrantes que se instalaram no Brasil?) — é a figura de esportista que seu Luis "assumiu" em 1923 no Figueirense, de Florianópolis. Em Brusque jogou no Paysandu, "clube onde tinha que comprar de tudo: calção, camisas, chuteira". Depois atuou no Marcílio Dias, em Itajaí, quando "encerrou" a carreira de futebolista após levar uma lambada na canela e faltar cinco dias ao serviço. Foi o fim da carreira como amador.

Salto em distância e arremesso de disco constam do currículo do atleta Luis na Sociedade Esportiva Bandeirante, de 1923 a 1926.

Lembranças? Muitas! Uma especial: quando tinha 17 anos, haviam cinco bicicletas na cidade, sendo que a quinta era a dele. Com os outros irmãos marcavam hora para que cada um pudesse andar um determinado tempo e colocavam uma sineta para chamar a atenção das moças... A maior aventura? Irem até Cabeçadas de bicicleta só para olharem o mar...!

Casado com d. Sofia, seu Luis tem cinco netos e seis bisnetos. Com entusiasmo, aos 82 anos de idade e aposentado desde os 65, segreda o que gosta de fazer: fabricar lixadeira para ma-

deira, tupia (máquina para fazer moldura) e cavalete de serra.

Um marceneiro, profissão de vida. Um nome, história de trabalho: Luis Walendowsky. Um

dos mais legítimos descendentes de imigrantes poloneses; um dos mais destacados brusquenses da velha geração.

“Nazdrowie”, seu Luis!

Subsídios Históricos

Ccordenação e Tradução: **Rosa Herkenhoff**

Excertos do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

NOTÍCIA DE 30 DE MARÇO DE 1867:

Dona Francisca — O “Kulturverein” (Sociedade de Cultura) de Joinville no dia 20 de março realizou a sua assembléia anual, tendo sido reeleitos para os cargos da diretoria os senhores Jahn, Jordan e Doerffel. As experiências desastrosas de diversos plantadores com a exportação do tabaco para o Rio, suscitaram a seguinte proposta: os produtos da atual colheita, excelentes tanto em quantidade como em qualidade, serão enviados por intermédio do “Kulturverein” diretamente para Hamburgo, pelo primeiro navio de imigração esperado em junho do corrente ano. Afim de se inteirar da real situação, o sr. Auler anotarà as ofertas dos cultivadores, quanto ao preço e quantidades exportáveis. Ao mesmo tempo, foi resolvido incrementar o beneficiamento do tabaco preto em rolo, o fumo, contratando-se para este fim, um perito remunerado pelo “Kulturverei”, com a facilidade de dar as necessárias instruções aos colonos. As matrículas, tanto das pessoas interessadas em aprender o beneficiamento do fumo, como também das que entendam do método, podem ser feitas com o sr. Auler.

NOTÍCIA DE 13 DE ABRIL DE 1867:

Dona Francisca. — A imprudência de cavaleiros e condutores de veículos que transitam pelas ruas de Joinville, principalmente aos domingos, quando o movimento é mais intenso, já ocasionou diversos acidentes, envolvendo pessoas e animais. Ainda no último domingo pela manhã, aconteceu novo desastre. Um cavaleiro, daqueles que parecem querer apanhar o tempo em vôo, mas que, no entanto, somente procuram matá-lo, foi tão imprudente que, dirigindo o seu cavalo a todo galope, foi de encontro a uma carroça atrelada com dois cavalos, estacionada ao lado, de maneira tão violenta, que a lança da carroça, penetrando no peito do animal a mais de um pé de profundidade, matou-o instantaneamente: É de bom alvitre lembrar o artigo 31 das Postu-

ras Municipais, "segundo o qual é proibido cavalgar à rédea solta pelas ruas, exceto a militares, componentes da Guarda Nacional e funcionários da Justiça em serviço, sob pena de multa de dois mil reis.

NOTÍCIA DE 13 DE ABRIL DE 1867:

Dona Francisca. — Apresentação do balanço da caixa da Direção, de 1.º de janeiro a 31 de março do corrente ano.

RECEITA: Em caixa, a 1.º de janeiro de corrente ano, 97\$670 Rs., subvenção da Direção da Colônia 100\$000 Rs., imposto territorial (principalmente atrasados) 140\$980 Rs., TOTAL: 338\$650 Rs.

DESPESAS: A) Caminhos e pontes: Caminho do Meio n . . . 1, 8\$000 Rs., Estrada Parati n. 1, 4\$500 Rs. — Anaburgo 12\$000 Rs. — Estrada Cubatão 1\$500 Rs. Estrada da Cruz n. 1, 65\$000 Rs. — Estrada da Cruz n. 2, 25\$000 Rs., num total de 164\$500 Rs. — B) Administração: Remuneração do copista, 2\$900 Rs., livros de procuração, papel, material de escrita, 4\$100 Rs., despesas com anúncios e assinaturas de jornais 16\$500 Rs., impressão de comunicados e de recibos de impostos, 9\$440 Rs., iluminação, 1\$800 Rs. porcentagens e comissões dos representantes, 84\$500 Rs., remuneração do trimestre do Procurador, 38\$000 Rs., num total de 157\$540 Rs. TOTAL DAS DESPESAS: 322\$040 Rs.

Em caixa, a 1.º de abril do corrente ano: 16\$610 Rs.

NOTÍCIA DE 29 DE JUNHO DE 1867:

Dona Francisca. — As artes aplicadas começam a florescer em nossa Colônia. No dia 24 de junho, homenagem ao santo do dia, foi erguida no alto do edificio da Loja Maçônica local, uma excelente imagem de São João Batista, imagem esta doada pelo administrador do hospital, sr. Karls Jahn, antigo mestre cerâmico em Altenburg, Alemanha o qual a moldou com muita arte em argila na altura de quatro pés e meio de altura, sendo cópia da estatueta em porcelana de Eberlein, em Pössneck, Turingia, Alemanha. O próprio artista após o cozimento da estatueta um forno de tijolos, a montou no local do destino.

A coleção completa do "Kolonie - Zeitung" faz parte do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

“Uma colônia regregindo”

ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL “SÃO BENTO”, DA AUTORIA DE J. HOFFMANN, NA 1ª DÉCADA DO SÉCULO XX

“A história da colonização em nosso Estado já recebeu muitas contribuições escritas para nosso jornal. Apresenta entre aspectos simpáticos, outros aspectos desoladores. O presente artigo que nos foi enviado de Theresópolis, mostra-nos uma forma simples mas impressionante, como o autor apresenta uma colônia progressista jogada à ruína; não sem culpa do governo estadual. O nosso informante, senhor Albert Probst, escreve:

“É do conhecimento de todos que a Colônia Theresópolis, em toda a sua extensão, se constitui de péssima terra, onde somente milho, feijão, batatas e mandioca pode ser cultivado, e isto também em quantidade reduzida. De um quarto de semente de milho, são colhidos apenas 6 a 8 sacos. Com os outros produtos o resultado não é melhor. Devido a má qualidade da terra, a mesma foi doada em 1868 pelo governo imperial aos emigrantes. Mas, infelizmente, nada receberam por escrito a este respeito, e hoje apresenta-se o governo estadual, e exige um enorme preço pela mesma. Certamente não receberá o dinheiro, pois este não existe.

Para poder sobreviver os colonos precisam de terra fértil, como em outras regiões onde ela é boa. Nas “tiefen” ainda existem muitas terras devolutas, mas também não são boas e difíceis

de alcançar. O trabalho e esforço, no entanto, não assusta o alemão. Já muitos jovens adquiriram seu lote e muitos outros o fariam também, se o governo não dificultasse tanto a aquisição.

Apesar da reconhecida péssima qualidade da terra, ele exige um preço muito elevado, e os colonos mal conseguem pagar o preço da medição.

Esta é uma forma pouco inteligente e injusta.

Se o governo liberasse as terras por um preço módico, haveria acréscimo na produção e teria mais lucro com as mesmas. Por uma boa terra o lavrador pagaria um bom preço, pois ele precisa e quer a terra. Mas devido a péssima qualidade e a falta de estradas, eles receiam investir o seu dinheiro. Têm medo de gastar o que ganharam com tanta dificuldade, preferindo desta forma, permanecer na miséria, no seu pedacinho de terra.

O nosso prezado governador não pode dizer que desconhece este fatos. Por várias vezes comissões estiveram com ele, relatando fielmente o que estava acontecendo, mas ele não acreditou nos relatórios. Se pessoas estranhas o influenciaram, não posso dizer, mas quero acreditar. Parece que em torno do governador formou-se uma verdadeira camarilha, que tem por objetivo informá-lo. Também por várias vezes foi convidado a visitar nossa colônia; uma viagem que levaria cerca de seis dias. Mas sempre faltava tempo. Desta forma os lavradores sofrem as consequências do descaso.

Depois de ter relatado o acima, apresento aqui uma relação que

demonstra claramente a decadência que aconteceu de 1868 a 1902:

Número de Famílias	
Ano	1868 1902
Da Barra do Rio dos Bugres até o centro de Theresópolis (distância 4 1/2 Km)	21 14
Freguesia de Theresópolis	38 6
Riacho dos Cedros (distância 12 Km)	65 34
Riacho de Michel (distância 10 Km)	70 24
Rio Cubatão (distância 14 Km)	64 25
Rio Salto (distância 6 Km)	26 5
Rio Novo (distância 8 Km)	40 18
Capivary* (distância 50 Km)	180 80
Rio Ferro e Gromel-	

bach (distância 10 Km)	8 14
Rio Mandel (distância 12 Km)	15 20
Rio Sete (distância 18 Km)	38 27
Total	565 267

As escolas demonstram como o governo se desinteressou de nossa Colônia. No ano 1868 existiam 6 escolas do governo, hoje somente uma, que foi inaugurada há 3 meses. É natural que os moradores tenham que apelar para seu próprio bolso e instalar escolas particulares que hoje são dez. Naturalmente estas escolas trabalham com dificuldades, pois muitas comunidades são pobres." (Tradução: Edith Sophia Eimer)

* Relativo ao Alto Capivary

Aconteceu...

Janeiro de 1989

— DIA 1.º — Com a presença de numeroso público e sob muitos aplausos, os srs. Vilson Pedro Kleinubing e Victor Fernando Sasse, tomaram posse do cargo de Prefeito e Vice-Prefeito de Blumenau. No mesmo dia, a Câmara de Vereadores também deu posse aos novos vereadores eleitos.

— DIA 2 — Como medida preliminar para colocar a situação financeira em dia o prefeito Vilson Kleinubing, no seu primeiro dia da administração, reunido com Victor Fernando Sasse, que aceitou acumular o cargo de vice com o de Secretário de Finanças, decidiu suspender todos os pagamentos até o completo levantamento da situação, executado por uma auditoria.

— DIA 2 — Seis homens fortemente armados roubaram da agência do Bamerindus localizada na rua São Paulo em Itoupava Seca, 17 milhões de cruzados. Não houve feridos.

— DIA 5 — Violentos temporais que se abateram sobre toda a região do Vale do Itajaí, deixaram a população de Blumenau apreensiva. Além de tudo, houve inúmeros deslizamentos, queda de barreiras nas ruas Araranguá e outras áreas do Bairro Garcia, tendo os ri-

beirões crescido assustadoramente e causando estragos às margens pela violência das águas nos diversos bairros de Blumenau. Em face disso, o prefeito Vilson Kleinubing decretou estado de emergência no município. Na Itoupava Central, até o Aeroporto "Quero-Quero" ficou danificado.

— DIA 7 — Novas e violentas chuvas voltaram a cair sobre Blumenau, assustando a população, principalmente no bairro da Velha, cujas ruas, em diversos lugares foram totalmente invadidas pelas águas.

— DIA 11 — Como inovação para o comércio, abriu a Feira Textil em Blumenau, localizada na Avenida "Mal. Castelo Branco", beira rio, com artigos produzidos pelas fábricas blumenauenses.

— DIA 12 — Depois de ter sido recebido pelo Prefeito Vilson Kleinubing como a primeira visita diplomática em seu governo, esteve dando audiência pública na Biblioteca Pública de Blumenau o sr. Hans Dieter Beuthan, ativo cônsul da RDA junto ao Escritório Comercial daquele país europeu em São Paulo. A audiência do sr. Beuthan com descendentes alemães radicados em Blumenau foi muito concorrida.

— DIA 13 — Em Pomerode, foi inaugurada a Sexta Festa Pomerana, com uma das mais completas programações no gênero, destinada a receber mais de 100 mil visitantes e reeditar o sucesso das Festas anteriores.

— DIA 13 — Pela primeira vez pelo menos nos últimos oito anos, um prefeito de Blumenau visita a Fundação "Casa Dr. Blumenau". Neste dia, o prefeito Vilson Pedro Kleinubing compareceu por volta das 8,45 horas, desembarcando de seu carro particular e sozinho, para a visita oficial à instituição e que havia prometido. Foi uma agradável visita, sem protocolo e sem cerimônia, tendo o Chefe do Executivo blumenauense dialogado com quase todos os funcionários, se inteirado de diversos trabalhos realizados tanto na Biblioteca quanto no Arquivo, Gráfica, etc..

— DIA 19 — A imprensa (JSC) noticia que como resultado dos estudos feitos determinados pelo prefeito Vilson Kleinubing, foi constatado que existem em Blumenau, nada menos do que 52 prédios construídos ou em construção, em situação irregular.

— DIA 26 — As chuvas voltaram a cair copiosamente em Blumenau, causando estragos enormes em diversos lugares, especialmente o bairro Araranguá, que tem o nome da rua, e no qual houve novos e perigosos deslizamentos. As águas desciam pelas ruas do bairro com violência, chegando a arrastar até blocos de paralelepípedos, levando perigo a diversas residências. Aconteceram diversos deslizamentos.

Prefeito Kleinubing visita a Fundação

Foi com muita satisfação que recebemos, dia 13 deste mês de fevereiro, na Fundação "Casa Dr. Blumenau", a visita do prefeito Vilson Pedro Kleinubing. S. ex. cia. havia prometido a esta direção que faria a visita naquele dia, atendendo a convite recebido, assim como para cumprir a promessa feita quando de sua condição de candidato, de que, na qualidade de prefeito, haveria de dar todo apoio possível às instituições culturais do município.

Dirigindo seu próprio veículo, Kleinubing chegou à Biblioteca, às 8,45 da manhã e visitou todos os setores da Fundação, ou seja, Biblioteca, Arquivo, Tipografia, Parque, etc., dialogando com a maioria dos funcionários. Depois da visita a todos os setores, o Prefeito Vilson Kleinubing reuniu-se com o diretor executivo jornalista José Gonçalves, com o qual inteirou-se de todos os problemas da Fundação, manifestando sua vontade de colaborar decididamente com a mesma e dizendo do apoio financeiro que não faltará, para atendimento dos cargos sociais da instituição.

Também inteirou-se dos planos de construir-se o prédio para o Museu da Indústria, da Informática e da Imagem e do Som, ten-

do, na oportunidade, após conhecer a área de terras disponível e em condições de desapropriação, autorizado verbalmente ao diretor executivo, os trâmites para o levantamento topográfico da área, para o decreto considerando de utilidade pública para fins de desapropriação, assim como, em seguida, a desapropriação em si.

Também autorizou, verbalmente, que se procedesse à elaboração do projeto do prédio, com a idéia, em princípio de construir-se com as mesmas características do atual prédio, buscando-se com isso amenizar um pouco a triste visão que ora causa o arranha-céu em construção na esquina.

Despedindo-se, mais tarde, o prefeito Vilson Kleinubing agradeceu as atenções e manifestação de simpatia com que foi alvo durante sua visita, prometendo que nada faltará à Fundação para que alcance seus objetivos no campo da cultura e especialmente na preservação da memória histórica de Blumenau, através do Arquivo Histórico, do Museu da Família Colonial e dos outros dois museus que se pretende instalar.

Esta foi a primeira visita oficial de um prefeito de Blumenau, à Fundação, nestes últimos oito anos.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S3015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Elimar Baumgarten; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.

MEMBROS: Arthur Fouquet — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Ulda Alice Klueger — Willy Sievert — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA